

# INNODOCT/16

“LEAN EDUCATION AND INNOVATION”

Editors:

Fernando Garrigós Simón

Sofía Estellés Miguel

Ismael Lengua Lengua

José Onofre Montesa

Carlos M. Dema Pérez

Juan Vicente Oltra Rodríguez

Yeamduan Narangajavana



UNIVERSITAT  
POLITÈCNICA  
DE VALÈNCIA

EDITORIAL  
UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE VALÈNCIA

*Editores:*

Fernando J. Garrigós Simón  
Sofía Estellés Miguel  
Ismael Lengua Lengua  
José Onofre Montesa  
Carlos M. Dema Pérez  
Juan Vicente Oltra Rodríguez  
Yeamduan Narangajavana

**INNODOCT/16**  
**“LEAN EDUCATION AND INNOVATION”**

*EDITORIAL*

UNIVERSITAT POLITÈCNICA DE VALÈNCIA

## *Colección Congresos*

Los contenidos de esta publicación han sido evaluados por el Comité Científico que en ella se relaciona y según el procedimiento que se recoge en <http://www.innodoct.com>

© Editores: Fernando J. Garrigós Simón  
Sofía Estellés Miguel  
Ismael Lengua Lengua  
José Onofre Montesa  
Carlos M. Dema Pérez  
Juan Vicente Oltra Rodríguez  
Yeamduan Narangajavana

Diseño portada: Ismael Lengua Lengua

© 2016, Editorial Universitat Politècnica de València  
[www.lalibreria.upv.es](http://www.lalibreria.upv.es) / Ref: 6340\_01\_01\_01

ISBN: 978-84-9048-528-6 (versión impresa)

La Editorial UPV autoriza la reproducción, traducción y difusión parcial de la presente publicación con fines científicos, educativos y de investigación que no sean comerciales ni de lucro, siempre que se identifique y se reconozca debidamente a la Editorial UPV, la publicación y los autores. La autorización para reproducir, difundir o traducir el presente estudio, o compilar o crear obras derivadas del mismo en cualquier forma, con fines comerciales/lucrativos o sin ánimo de lucro, deberá solicitarse por escrito al correo [edicion@editorial.upv.es](mailto:edicion@editorial.upv.es)



**LEAN EDUCATION AND INNOVATION**  
*INNODOCT/16*



UNIVERSITAT  
POLITÈCNICA  
DE VALÈNCIA

## **INDEX**

<b>EDITORS</b>	<b>III</b>
<b>CHAIRS OF THE CONGRESS</b>	<b>IV</b>
<b>CHAIRS OF PROGRAM COMMITTEE</b>	<b>VI</b>
<b>PROGRAM COMMITTEE</b>	<b>VI</b>
<b>CHAIRS OF THE SESSIONS</b>	<b>VI</b>
<b>SCIENTIFIC COMMITTEE</b>	<b>VIII</b>
<b>PROLOGUE</b>	<b>XI</b>
<b>INDEX PAPERS</b>	<b>XIII</b>
<i>ENGLISH</i>	1
<i>CASTELLANO</i>	243
<i>PORTUGUÊS</i>	597



## LEAN EDUCATION AND INNOVATION

*INNODOCT/16*



UNIVERSITAT  
POLITÈCNICA  
DE VALÈNCIA

- Maria José Rodrigues (Polytechnic Institute of Bragança, Portugal)
- María Teresa Méndez Picazo (Universidad Complutense de Madrid, Spain)
- Manuel Armayones Ruiz. (Universitat Oberta de Catalunya, Spain)
- María de la Cruz del Río Roma (Universidad de Vigo, Spain)
- María Pilar Conesa-Garcia (Universitat Politècnica de València, Spain)
- Orlando E. Contreras (Universidad Industrial de Santander, Colombia)
- Paul Willems (Saxion University of Applied Sciences, Netherlands)
- Panuwat Phakdee-auksorn (Prince of Songkla University, Thailand)
- Pimpika Thongrom (Rajamangala University of Technology, Thailand)
- Sofía Estellés Miguel (Universitat Politècnica de València, Spain)
- Yeamduan Narangajavana (Universitat Jaume I, Spain)



PORTUGUÊS.....597

- 53. A investigação como estratégia de ensino-aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico**  
Autores: Inês Silva & Cristina Mesquita 599
- 54. Utilização de estratégias de ensino e aprendizagem diversificadas: um estudo de caso no 1.º Ciclo do Ensino Básico**  
Autores: Joana Coutinho de Matos & Maria José Rodrigues 609
- 55. Atividades didáticas de arqueologia promotoras de educação ambiental**  
Autores: Susana Afonso Santos & Maria José Rodrigues 621
- 56. Ambientes de leitura promotores de desenvolvimento da consciência fonológica e da descoberta e apreensão da funcionalidade da linguagem escrita na educação pré-escolar portuguesa**  
Autores: Carla do Espírito Santo Guerreiro, Lídia Machado dos Santos & Luís Manuel Pinto Castanheira 631
- 57. Estudo Lexical: Os Canibais de Álvaro do Carvalho**  
Autores: Carla Sofia Lima Barreira Araújo 639
- 58. De antena ligada na “atenas brasileira”: um estudo de recepção midiática em torno da copa do mundo de 2014 sob olhares de jovens escolares em São Luís-Ma**  
Autores: Alfredo Feres Neto & Ywry Crystiano da Silva Magalhães 651

## Atividades didáticas de arqueologia promotoras de educação ambiental

Susana Afonso Santos<sup>a</sup> & Maria José Rodrigues<sup>b</sup>

<sup>a</sup> Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, [susanaafonsosantos@gmail.com](mailto:susanaafonsosantos@gmail.com)

<sup>b</sup> Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, [mrodrigues@ipb.pt](mailto:mrodrigues@ipb.pt)

---

### **Abstract**

*This work is part of a broader study within the master's thesis in environmental education and aims to promote knowledge about the nature and history of the region through a diversity of educational activities that environmental educators should not overlook. With the dynamization of targeted educational activities, we intend to strengthen the relationship with nature and the past, encouraging the creation of new cultural habits, as is recommended by the Ministry of Education, in the curriculum guidelines for pre-school education. The general objective is to understand how the teaching of archeology could be related to environmental education, implementing a set of activities in pre-school education, with the purpose to establish and organize information able to be used in the teaching of environmental education initiatives and programs, where it should be related the natural and heritage aspects. As specific objectives we intend to: (i) propose a set of educational activities for children of pre-school age; (ii) To publicize the importance of enhancement of the archaeological and natural heritage of the region, together with its disclosure; and (iii) Create or adapt a space in order to develop a dynamic hub of an educational development program focused on natural and cultural resources. For this particular study, let us focus primarily on the first order. When archeology was discussed in pre-school education we found that children understood the material culture, the way humans lived at a particular time and this way they start thinking in historical chronology. It should be noted that, initially, the programs must cultivate a taste for culture, starting with the local history, because it's the reality for children's and young people, and then it should be added a new element in order to achieve that the heritage education can be attractive.*

**Keywords:** *Teaching of archeology; environmental education; pre-school education.*

### **Resumo**

*Este trabalho, insere-se num estudo mais amplo realizado no âmbito da dissertação de mestrado em educação ambiental e pretende promover o conhecimento sobre a natureza e a história da região através de várias atividades didáticas, que os educadores ambientais não devem desprezar. Com a dinamização de ações pedagógicas orientadas, pretende-se fortalecer a relação com a natureza e com o passado, incentivando a criação de novos hábitos culturais, assim como é preconizado pelo Ministério da Educação, nas orientações curriculares para educação pré-escolar. O objetivo geral do trabalho é compreender de que forma a didática da arqueologia se pode relacionar com a educação ambiental e implementar um conjunto de atividades na educação pré-escolar, propondo-se estabelecer e organizar informação suscetível de servir de base a iniciativas e programas de ensino da educação ambiental na sua vertente natural e patrimonial. Como objetivos específicos pretendemos: (i) Propor um conjunto de atividades educativas para crianças em idade pré-escolar; (ii) Dar a conhecer a importância da valorização do património arqueológico e natural da região, conjuntamente com a sua divulgação; e (iii) Criar ou adaptar um espaço de forma a desenvolver um polo dinamizador de um programa de desenvolvimento educativo centrado nos recursos naturais e culturais. Para este estudo, em particular, vamos-nos centrar, essencialmente, no primeiro objetivo. Ao abordarmos a arqueologia na educação pré-escolar verificamos que as crianças entenderam a cultura material, como o ser humano vivia em determinada época e iniciasse o pensamento em cronologia histórica. De referir que, inicialmente, se deve cativar o gosto pela cultura, começando pela história local, pois é com essa que as crianças e jovens convivem diariamente, e ir acrescentando um elemento para que se consiga que a educação patrimonial seja atrativa.*

**Palavras chave:** *Didática da arqueologia; educação ambiental; educação pré-escolar.*

### **Introdução**

Na atual reconfiguração das sociedades modernas é importante que a Educação Ambiental (EA) seja trabalhada desde tenra idade, nomeadamente com crianças dos 3 aos 6. As atividades educativas ligadas à natureza e à paisagem são necessárias para que as crianças possam ter uma perceção holística do meio que as rodeia e que devem preservar. Assim, torna-se extremamente importante que, a par das atividades de EA, se desenvolvam em interligação com atividades relacionadas com a arqueologia tirando partido da circunstância diferencial

de cada local, nomeadamente da sua identidade histórica, da sua dimensão humana e da sua qualidade ambiental.

Este trabalho pretende conjugar estes três aspetos, desenvolvendo-os para que possam estar disponíveis para serem trabalhados em diferentes contextos (escavação arqueológica, sala de atividades, museus, entre outros). A sua materialização contemplará a implementação de atividades para crianças em idade pré-escolar e a análise da receptividade que estas matérias suscitam nas crianças.

Tem como principal finalidade compreender de que forma a didática da arqueologia se relaciona com a educação ambiental e implementar um conjunto de atividades na educação pré-escolar, propondo-se estabelecer e organizar informação suscetível de servir de base a iniciativas e programas de educação ambiental na sua vertente natural, e patrimonial. Para este artigo, em particular, destacamos os seguintes objetivos: (i) propor um conjunto de atividades educativas para crianças em idade pré-escolar; e (ii) apresentar a importância da valorização do património arqueológico e natural da região, e conjuntamente a sua divulgação.

Nesta perspetiva, este artigo subdivide-se em 3 secções: (i) a fundamentação, em que se aborda a educação pré-escolar em Portugal. A EA nas primeiras idades e a didática de Arqueologia em contexto pré-escolar; (ii) a metodologia na qual se explica o tipo de investigação que se está a realizar e a forma como se efetiva a recolha de dados; e (iii) por fim os resultados apresentando as atividades a realizar.

## **Fundamentação**

As crianças só há pouco tempo é que têm voz, ou seja, durante muitos anos foram ferramentas de trabalho, e quando começaram a frequentar os jardins-de-infância as atividades eram delineadas pelo educador independentemente daquilo que as crianças gostavam e queriam fazer, como refere Scott (2000), citado por Oliveira-Formosinho e Araújo (2008) a investigação acerca dos aspetos da infância foi, durante várias décadas influenciada por uma teoria adultocêntrica. Atualmente, assume-se e defende-se uma visão completamente antagónica, ou seja, “a criança é, assim, possuidora de uma voz própria, que deverá ser seriamente tida em conta, envolvendo-a num diálogo democrático e na tomada de decisão” (Oliveira-Formosinho & Araújo 2008, p. 16). Na idade pré-escolar, dos 3 aos 6, a aprendizagem ocorre na sua maioria por observação direta, em que a criança observa e interpreta tudo o que a rodeia.

Hoje em dia o processo de aprendizagem está intimamente ligado às escolas, no entanto se pretendemos educar crianças para conseguirem atingir novas metas a cada ano que passa, devemos inserir diferentes espaços de ensino, desta forma existe um estímulo ao desenvolvimento físico e cognitivo da criança. Os estudos acerca da realidade nos serviços de educação

de infância têm muito a declarar, como refere Folque (2012, p. 1) esta realidade tem provocado um grande impacto na vida das crianças e das suas famílias.

Ao trabalharmos a arqueologia na educação pré-escolar temos como propósito estimular as crianças para que entendam a cultura material e como o ser humano vivia numa determinada época. O conceito de património foi alvo de grande controvérsia ao longo de todos os tempos, no entanto hoje em dia podemos afirmar que chegamos ao seu apogeu, e que neste momento a definição de património é mais completa. “Se inicialmente “Património” eram os monumentos, os primores da arte, as antigualhas, os tesouros monárquicos os eclesiais, de há décadas a esta parte o conceito ganhou nova extensão” Tinoco (2012, p. 101).

Temos agora dois tipos de património: material, e imaterial; com a variedade de património (arqueológico, arquitetónico, natural, costumes de zonas rurais, etc.) é possível criar uma narrativa que seja atrativa para este público-alvo. Inicialmente deve-se cativar o gosto pela cultura, começando pela história local, pois é com essa que as crianças e jovens convivem diariamente, e a cada dia ir acrescentando um elemento para que se consiga que a Educação Patrimonial seja positiva. Conseguir-se esta educação positiva com atividades com intencionalidade bem definida para as crianças e jovens, levando-os à construção histórica, para a qual remete a atividade.

Em concordância com Tinoco (2012) podemos aperceber-nos que o museu tem vários domínios escolares, ultimamente, dedica-se, não só às visitas no seu espaço físico, mas também ao desenvolvimento do seu próprio serviço educativo, que tem vindo a ser um apoio para as escolas. Hoje em dia os ecomuseus estão cada vez mais em voga, são pontos de partida vantajosos para a educação patrimonial e ambiental pois interagem com a comunidade local, trabalham a noção de património e a preservação *in-situ*. Este tipo de preservação é muito vantajoso, pois nas visitas guiadas pode-se fazer sensibilização para a proteção do património e do ambiente. O facto de os ecomuseus estarem normalmente divididos em núcleos consoante o tema dá-nos uma melhor forma de interpretação do património e da paisagem envolvente. De maneira a implementar as atividades o educador deve refletir acerca do tipo de informação que quer trabalhar com as crianças, antever experiências e organizar os recursos que se irão usar. Como refere Ribeiro (2007, p.186) a “utilização de fontes arqueológicas ajuda na aprendizagem histórica dos alunos, estas estimulam o pensamento nas primeiras idades, e ajudam a criar uma linha histórico-cronológica associando cada objeto a uma época”. Ribeiro (2007) afirma que o manuseamento e observação de artefactos arqueológicos fazem com que os alunos se transportem para fora do espaço físico da sala de aula.

Por outro lado, também a educação ambiental deve ser trabalhada com as crianças em idade pré-escolar. Como refere Rodrigues et al (2013, p. 206) “a escola assume um papel fundamental para a abordagem transversal, interdisciplinar e integrada da Educação Ambiental, de uma forma abrangente, acessível e eficaz para que é imprescindível o papel dos educadores

e professores para a formação de cidadãos ambientalmente responsáveis”. Nestas idades a EA deve ser abordada com diversas atividades. Como referem as orientações curriculares, devem-se criar condições para as crianças continuarem a aprender, pois a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica. Com este tipo de atividades procura-se desenvolver a curiosidade das crianças estimulando o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Concordando com Fialho (2008) quando afirma que a educação para o ambiente e sustentabilidade deve começar na infância.

As atividades relacionadas com a EA e a Arqueologia têm a capacidade de interagir com o sistema sensorial, desenvolvendo todos os sentidos: a visão, a audição, o tato, o paladar e o olfato, logo são de extrema importância para o desenvolvimento da criança; vários investigadores defendem que crianças em fase pré-escolar apresentam maior plasticidade neuronal, ou seja, as atividades realizadas nesta idade têm maior impacto no seu desenvolvimento. A realização de estudos e projetos de investigação, especialmente na união destas duas ciências é muito recente, podemos até dizer que é um projeto pioneiro. No entanto, segundo as orientações curriculares para o Pré-escolar (1997, p. 43) os projetos educativos devem ser explícitos, coerentes, com valores e intenções educativas, a forma como concretização, e os meios para a realização. Assim consideramos que dinamizar estas atividades pode ser um fator de sucesso, agindo de forma positiva no conjunto pessoal, profissional e social das crianças de hoje. A interdisciplinaridade é uma mais-valia em todas as idades, pois cria-se uma metodologia ativa, aberta e flexível, estimulando o interesse e a motivação. Para que a criança obtenha o desenvolvimento esperado é necessária motivação, que se obtém através do trabalho constante e contínuo de cada educador, tendo sempre atenção o ritmo de aprendizagem de cada um e as suas necessidades educativas, nunca esquecendo nem descurando a comunicação Escola-Família.

## **Metodologia**

Para esta investigação escolheu-se a metodologia qualitativa, pois, consideramos que é aquela que mais se adequa aos objetivos propostos e porque permite trabalhar de forma mais detalhada, e possibilita conhecer os comportamentos dos envolvidos. Bardin e Pinheiro (2000, p. 115) referem-se à análise qualitativa como sendo um “processo intuitivo, maleável e adaptável, à evolução das hipóteses”. As investigações qualitativas costumam ser apelidadas de naturalistas, pois o investigador frequenta o local da investigação.

Bodgan e Biklen (1994, p. 47) referenciam que as características da investigação qualitativa são cinco, que vamos descrever a seguir, no entanto nem todos os estudos qualitativos seguem estes cinco pilares: i) na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente, constituindo o investigador o instrumento principal; ii) a investigação qualitativa é descritiva; iii) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos

resultados ou produtos; iv) os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; e vi) o significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

As técnicas de recolha de dados que vão ser usadas nesta investigação são a entrevista, a análise documental e a observação direta participativa. Como refere Morgan (1988) citado por Bogdan e Biklen (1994, p.134) “uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas.” As entrevistas serão feitas à educadora colaboradora, uma antes da implementação das atividades e outra no final de forma a ter uma ferramenta extra que ajude a compreender as atitudes e o desenvolvimento das crianças de acordo com as novas atividades apresentadas. Também as crianças serão alvo de entrevistas em grupo para se sentirem mais à vontade para explicarem o que realmente sentiram aquando da realização das atividades, e também apresentarem pontos positivos e negativos para posterior aperfeiçoamento das mesmas. As entrevistas vão ajudar a definir os momentos cruciais de cada atividade e o impacto que a mesma teve sobre determinado sujeito, mostra também as perspetivas que eles tinham aquando da apresentação da Arqueologia.

A análise documental tem uma variada gama de material, desde os diários de campo onde o investigador aponta tudo o que se passa durante a observação. “Notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bogdan & Biklen 1994, p. 150); fotografias que ajudam a fazer descrições, documentos pessoais, e as produções das crianças.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 90) em estudos qualitativos a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados. Para se realizar a observação direta participativa deve-se ter em conta que somos estranhos relativamente ao local que iremos frequentar, neste caso a sala de atividades, e isso pode interferir nas reações das crianças, condicionando-as, posto isto nos primeiros dias de observação participante o investigador deve ficar um pouco de fora, como refere Bogdan e Biklen (1994, p. 125).

Na observação direta participativa serão usados os guiões do observador, pois permitem ao observador fazer anotações sobre dados, reações das crianças. O guião ou ficha de observação usada será adaptado do Manual do Desenvolvimento da Qualidade em Parcerias (DQP). O DQP surgiu inicialmente no Reino Unido na década de noventa e só surge em Portugal após a sua análise e adaptação ao contexto do país.

Os dois principais objetivos do DQP são: “promover a qualidade das aprendizagens das crianças e o desenvolvimento profissional e empowerment dos profissionais, famílias e crianças” (Folque, 2012 p. 4). Este tipo de observação dá-nos acesso a muita informação; como por exemplo as experiências de aprendizagem, as oportunidades de escolha oferecidas às crianças, o desenvolvimento, entre outras. Os procedimentos para a observação são os seguintes: identificar as crianças e observar em função do género, etnia e idade; observar no máximo

cinco minutos em dois momentos diferentes, em dias diferentes; incluir períodos da manhã e da tarde; podem fazer-se 2 observações a cada criança por período/sessão num total de 4 observações por crianças; registar as observações na ficha/guião; e utilizar uma ficha de registo diferente para cada observação (Formosinho, 2009, p.117).

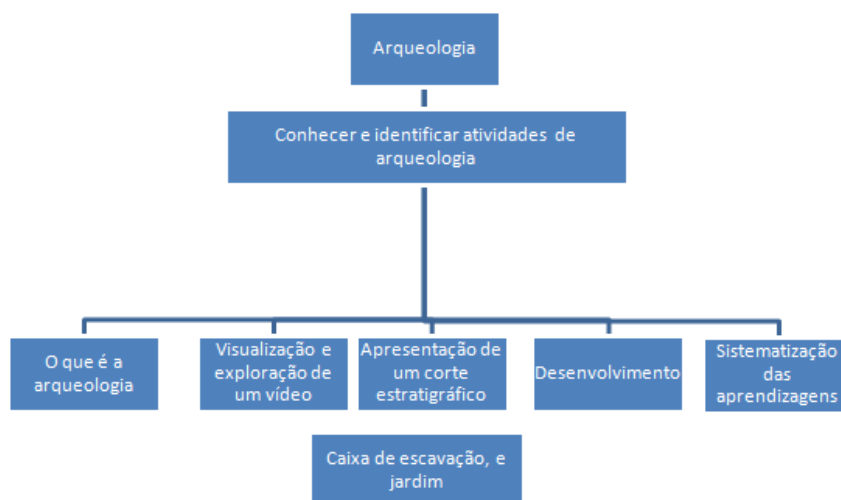
## Resultados

Para este estudo em particular e uma vez que a investigação está ainda a decorrer, vamos centrar esta secção no desenvolvimento das atividades que vão ser propostas às crianças. Serão desenvolvidos quatro módulos, que se subdividem em atividades, de arqueologia e EA, estas encontram-se estruturadas de acordo com o esquema utilizado na Brochura “Despertar para a ciência – actividades dos 3 aos 6” (Martins et al., 2009), tal como é apresentado da figura seguinte (figura 1).



Figura 1 - Desenvolvimento das atividades propostas (Martins et al., 2009)

Para cada uma das atividades foi construído um guião que será distribuído pelos educadores e que servirá de orientação na implementação das atividades. A título exemplificativo apresentamos o esquema referente a uma das atividades (figura 2).



**Figura 2 - Desenvolvimento da Atividade "Arqueólogo por um dia!"**

De seguida, apresentamos uma tabela com as atividades que nos propomos desenvolver e uma breve descrição das mesmas (tabela 1).

<b>Atividade</b>	<b>Breve descrição</b>
Arqueólogo por um dia!	Este módulo abordará o que é a arqueologia, descrevendo, com base num vídeo de animação, no que consiste esta ciência. Falar-se-á na salvaguarda da fauna e da flora. A atividade culminará na realização de uma escavação e na criação de um jardim da sala após a escavação.
Proto-história	Inicia-se com uma descrição do ambiente habitacional e da forma como se caçava/pescava. Faz-se a distinção entre animal domésticos e selvagens, e quais as espécies autóctones. A atividade termina fazendo artefactos de caça e pesca recorrendo à reutilização de materiais.
Povo Zoela	Diálogo com as crianças sobre quem são os Zoelas. Após esta conversa realizar-se-á uma visita ao Castro de Avelãs onde lhes serão apresentadas várias personagens da vida Zoela (cozinheira, pedreiro, tecedeira, etc) esta visita será importante para perceber as reações deles quando são colocados no meio que já foi habitado. Explicar que nesta época por variadas razões, como por exemplo a identificação das estradas (vias), o pedreiro era bastante importante na sociedade; e o linho era valorizado pois os Zoelas eram um dos grandes produtores de linho da região, e era deste material que faziam as suas roupas, lençóis etc. A atividade culminará na criação de miliários em pasta de papel, e em mini-tapetes com materiais reciclados.
Os Romanos	Inicialmente será feita a dispersão dos romanos no mapa de Portugal e quais as explicações dadas pelas crianças para este fenómeno. Após esta fase introdutória fazemos uma apresentação animada sobre as casas romanas e o mosaico, posteriormente irão realizar uma atividade de expressão plástica que será a criação de mosaicos, ou maquetes de compartimentos de casas romanas

**Tabela 1 - Atividades a desenvolver com as crianças**

## Conclusão

Nesta investigação espera-se que as crianças sejam motivadas a valorizar a cultura material e imaterial. As atividades implementadas permitem avaliar as capacidades de pensamento em cronologia histórica. Com base neste trabalho, pode ser planeada a inserção destes módulos nos jardins de infância, procedendo à sua adaptação depois de serem aplicados e avaliados. O seu desenvolvimento permitirá conhecer a natureza e a história da região através de várias atividades e de documentos do passado que apresentam testemunhos únicos, os quais, nós como educadores ambientais não devemos desprezar, retirando partido das suas potencialidades enquanto objetos de estudo. Pretende-se, também, fortalecer a relação com a natureza e o passado, incentivando a criação de novos hábitos culturais.

Concluindo, as atividades de arqueologia promotoras de educação ambiental vêm acrescentar mais valor às orientações curriculares.

## Referências

- Bardin, L., Reto, L. A., & Pinheiro, A. (2000). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. C., & Biklen, S. K. (2003). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto.
- Educação, M. D. (1997). Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Fialho, I. (2008). Promover a educação ambiental no Jardim-de-Infância. Algumas propostas.
- Folque, M. A. (2012). Desenvolver a Qualidade em Parcerias (DQP) – um referencial com potencialidades múltiplas.
- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. & Pereira S. (2009). *Despertar para a ciência – actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2009). Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias. *Lisboa: Ministério da Educação de Portugal*, 7-19.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2008). Escutar as vozes das crianças como meio de (re) construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. *A escola vista pelas crianças*, 11-29.
- Ribeiro, F. (2007). Exploração do pensamento arqueológico das crianças. *Currículo Sem Fronteiras*, 7(1), 186-196.
- Rodrigues, M. J., Castanheira, M. L. P., & Manzke, V. (2013). *Percepção de duas professoras sobre as suas práticas em Educação Ambiental*.

*Atividades didáticas de arqueologia promotoras de educação ambiental*

Tinoco, A. (2012). *Educação patrimonial e aprendizagens curriculares—a História*. Cadernos de Sociomuseologia, 42(42).